

**DISCURSO E PROPAGANDA: A CONSTRUÇÃO DA
RAÇA ARIANA EM PÔSTER NAZISTA**

**DISCURSO Y PUBLICIDAD: LA CONSTRUCCIÓN DE LA
RAZA ARIANA EN CARTEL NAZISTA**

**DISCOURSE AND PROPAGANDA: THE
CONSTRUCTION OF THE ARYAN RACE IN NAZI
POSTER**

Luciano Taveira de Azevedo (IFAL)

lucianoazevedo7@gmail.com

Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo (UNICAP)

nadiaazevedo@gmail.com

Resumo

Neste artigo, analisamos um pôster da propaganda nazista que foi publicado durante o Terceiro Reich sob orientação do Ministério da Propaganda liderado por Joseph Goebbels. Mobilizamos dispositivos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa para empreender um gesto de interpretação que nos permitisse entender como a materialidade discursiva em estudo produz sentidos em suas redes de memória. Utilizamos metodologia própria à Análise de Discurso e produzimos uma discussão profícua sobre purismo racial, eugenia e expurgo do outro. A análise nos permitiu visualizar aspectos da propaganda nazista ainda não considerados quando se trata da sua eficácia na construção da opinião pública.

Palavas-chave: propaganda, discurso, raça.

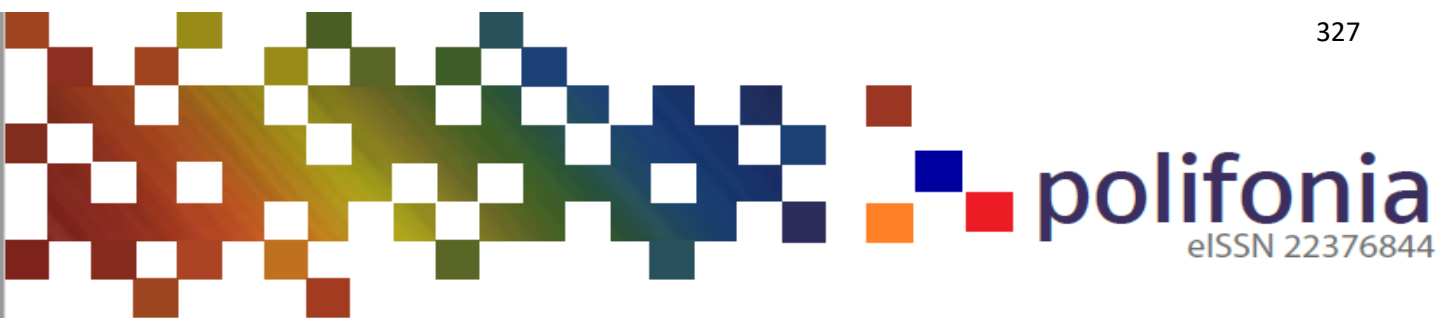
Resumen

En este artículo, analizamos un póster de propaganda nazi que se publicó durante el Tercero Reich bajo la dirección del Ministerio de la Propaganda dirigido por Joseph Goebbels. Movilizamos dispositivos teóricos del análisis del discurso de línea francesa para emprender un gesto de interpretación que nos permitiera comprender cómo la materialidad discursiva en estudio produce significados en sus redes de memoria. Utilizamos la metodología específica para el análisis del discurso y producimos una discusión fructífera sobre el purismo racial, la eugenesia y la eliminación del otro. El análisis nos permitió visualizar aspectos de la propaganda nazi que aún no se consideran cuando se trata de su efectividad en la construcción de la opinión pública.

Palabras clave: propaganda, discurso, raza.

Abstract

In this article, we analyze a poster of Nazi propaganda that was published during the Third Reich under the guidance of the Ministry of Propaganda led by Joseph Goebbels. We mobilized theoretical devices of



Discourse Analysis of the French line to undertake a gesture of interpretation that would allow us to understand how the discursive materiality under study produces meanings in its memory networks. We use methodology specific to Discourse Analysis and produce a fruitful discussion on racial purism, eugenics and the expurgation of the other. The analysis allowed us to visualize aspects of Nazi propaganda not yet considered when it comes to its effectiveness in building public opinion.

Keywords: propaganda, speech, race.

Introdução

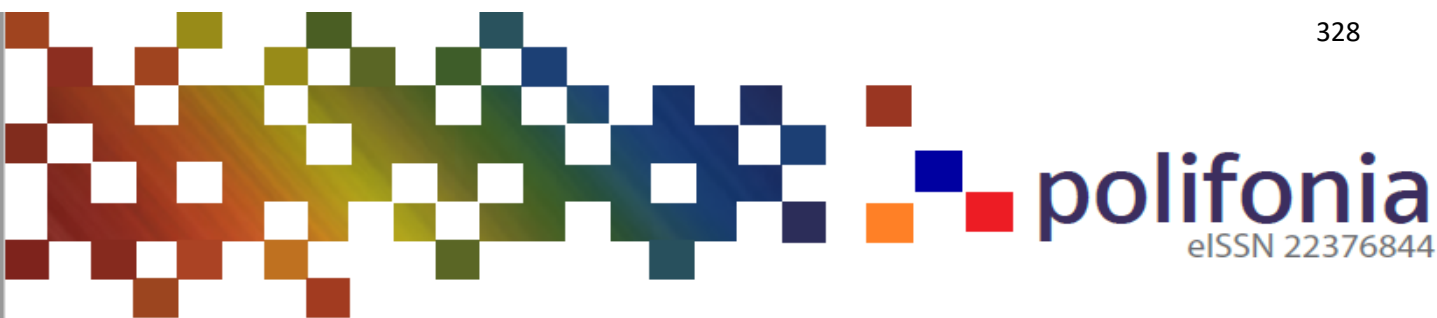
Durante os anos de Adolf Hitler à frente do governo alemão e da implantação do Terceiro Reich, a propaganda foi decisiva na construção da opinião pública. Após a chegada do partido nazista ao poder na Alemanha, todas as mídias existentes à época ficaram sob o controle do regime nazista. Por meio dessas mídias, os nazistas faziam circular a ideologia do partido e do Terceiro Reich a fim de convencer o cidadão acerca do programa de governo que pensaram implantar e da sociedade alemã que queriam construir. Dentre os veículos midiáticos que permitiam a difusão das ideias nazistas, destacamos o pôster, objeto de análise neste artigo.

A partir das contribuições de Orlandi (1999) e Pêcheux (2014), analisamos o funcionamento discursivo de um cartaz produzido para convencer os alemães acerca da importância do apoio às obras de assistência do Terceiro Reich. A metodologia utilizada foi aquela própria à Análise do Discurso que compreende o recorte do *corpus* a ser analisado e a mobilização de categorias de análise a fim de empreender a interpretação dos sentidos não expressos no dito e entender o funcionamento do discurso ao descrever suas regularidades e aquilo que lhe é próprio, ou seja, seu modo de produzir sentidos.

2. Fundamentação teórica

A Análise de Discurso (doravante AD) francesa nasceu oficialmente em 1969, a partir da publicação da revista *Langages*, n. 13, organizada por Jean Dubois, e do livro *Análise Automática do Discurso* de Michel Pêcheux.

O cenário de onde emergem as teorias do discurso é formado por retomadas e releituras das teorias marxistas e freudianas que, unidas às teorias linguísticas que vigoravam à época, resultaram numa concepção de linguagem como espaço material



onde se manifestam a ideologia e o inconsciente. Assim sendo, as teorias do discurso se formaram a partir da Linguística, do Marxismo e da Psicanálise e, por isso, se diz que a AD “vai se constituir como área própria do conhecimento no entremeio dessas outras.” (FERREIRA, 1998, p. 202).

O quadro teórico-metodológico da AD, construído por Pêcheux, dialogará com as demais áreas vizinhas, que tinham em Saussure, Marx e Freud suas vigas de sustentação. Afiliado a essa Tríplice Aliança, Pêcheux procura lançar as bases epistemológicas da AD e fincá-las numa teoria que envolvesse a língua, os sujeitos e a história.

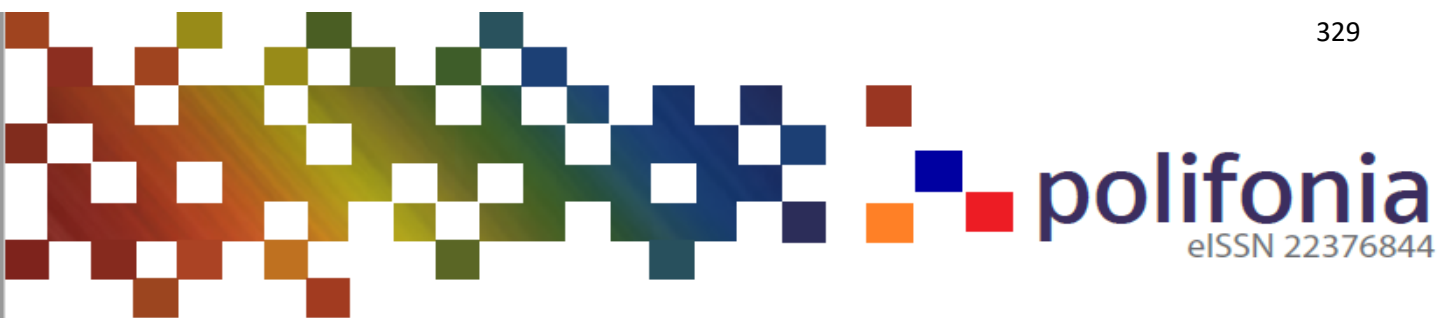
A língua, entendida como materialidade discursiva, afasta-se da concepção saussuriana de sistema homogêneo, abstrato e idêntico a si mesmo e ganha espessura material porque afetada pela história e ideologia. Desse modo, a língua, na perspectiva da AD, não é vista como meio de expressão do pensamento como pensavam os estruturalistas e formalistas, mas arena onde se travam as lutas ideológicas.

Assim sendo, a AD ocupar-se-á do discurso, ou seja, dos processos históricos de produção de sentido, tendo em vista que o seu arcabouço teórico-metodológico é formado a partir da concepção de um sujeito clivado e disperso e de língua como espessura material, porque afetada por suas condições de produção. Para Ferreira (1998, p. 202),

a AD vai procurar, então, compreender o modo como um objeto simbólico produz sentidos, não a partir de um mero gesto de decodificação, mas como um procedimento que desvende a historicidade contida na linguagem, em seus mecanismos imaginários.

De acordo com o exposto acima, conclui-se que o objeto de análise da AD não é a língua, mas o discurso, embora procure na materialidade linguística e histórica, pistas para chegar aos processos discursivos. Segundo Ferreira (1998, p. 203),

vê-se, portanto, que o discurso é um ponto de contato crucial onde se articulam os diversos fios que compõem seu tecido; verdadeira instância de produção de sentidos, em cuja materialidade (discursiva) se confrontam o linguístico e o ideológico. É importante ressaltar este aspecto conjunto, para evitar que a AD seja reduzida à análise da língua, ou diluída na pesquisa histórica da ideologia.



Assim definida, a AD constitui-se como uma disciplina que trabalha os processos históricos de significação e não apenas os seus produtos. Da relação entre história-língua-ideologia, temos o discurso que se constitui como prática que atravessa as práticas sociais que se ancoram no simbólico para significar. A AD não tem na língua seu objeto de análise, mas não a descarta. Antes, parte da língua para chegar aos processos discursivos que constituem os textos e sustentam sua significação.

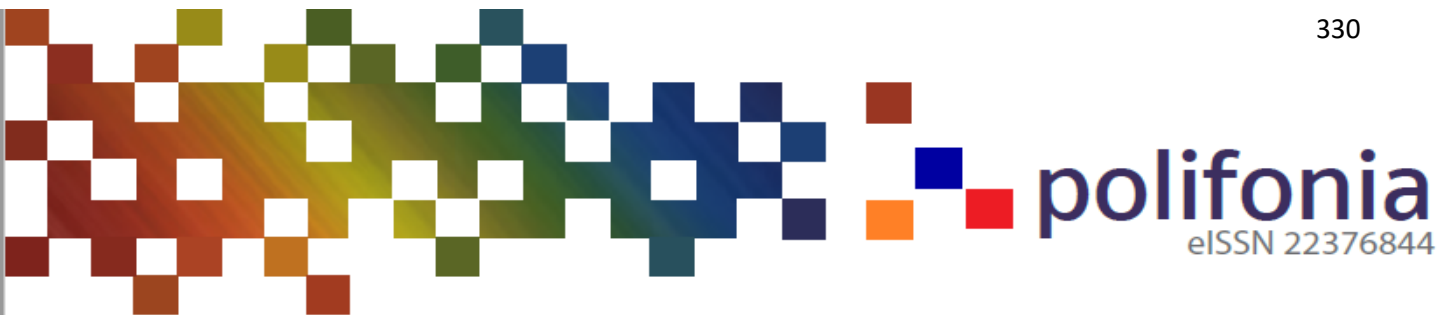
2.1 Do Signo

A concepção de língua elaborada pelo linguista genebrino, Ferdinand de Saussure servirá de lastro à teoria do discurso elaborada por Michel Pêcheux nos anos 60. Sem a pretensão de aprofundar o contexto científico-filosófico no qual Saussure desenvolve seu pensamento acerca da língua como objeto de estudo, sublinhamos o Positivismo inaugurado por Auguste Comte no início do século XIX, os estudos de gramática comparada na perspectiva da Linguística Histórica e a metafísica de Kant, filósofo alemão da cidade de Königsberg. É imerso nesse lugar que reflete acerca do que é a Ciência, o conhecimento, o Homem e o próprio ato de conhecer, que o mestre genebrino se debruça sobre aquilo que julga ser o objeto da linguística: a língua.

O Curso de Linguística Geral (*CLG*), editado por Charles Bally, Albert Sechehaye com a colaboração de A. Riedlinger, apresenta as linhas gerais do pensamento saussuriano acerca da língua que assim é definida:

Para nós ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (*CLG*, 2004, p.17)

Um pouco mais adiante, nesse mesmo capítulo do *CLG* (2004, p. 18), Saussure afirma que a língua é uma convenção e acrescenta que a faculdade de constituir uma língua, qual seja, um sistema de signos, é natural ao homem, de maneira que tudo leva a crer que acima dos diversos órgãos existe uma faculdade mais geral que comandaria os signos.



A proposição epistemológica “a língua é um sistema de signos” (CLG, 2004, p. 18) encontra eco nas palavras de Bouquet (2004, p. 141):

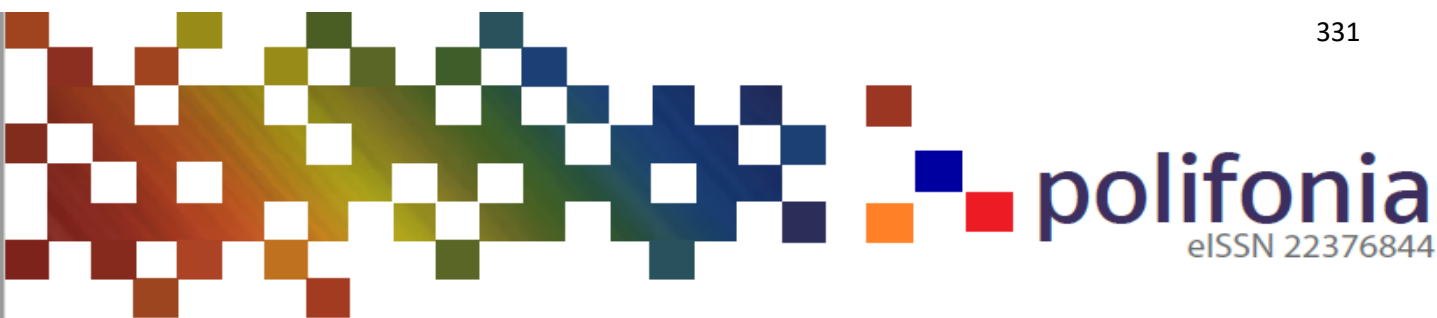
Nossa tese sustenta que a proposição *a língua é um sistema de signos* se localiza, no pensamento saussuriano, entre três pontos de vista: a *epistemologia programática* – ou seja, uma projeção epistemológica de uma ciência comprovada, uma metafísica da linguagem e isso que chamamos de *epistemologia programática*, ou seja, uma projeção epistemológica, sustentada de um ponto de vista metafísico. (grifos do autor)

Partindo dessa concepção de língua como sistema de signos, Saussure elabora aquilo que ficou conhecido como as dicotomias saussurianas, a saber: sincronia/diacronia, língua/fala, significante/significado e sintagma/paradigma. Ao estabelecer aquilo que é próprio da língua, o linguista genebrino exclui determinados aspectos da sua observação por acreditar que, na perspectiva da epistemologia programática que elabora naquela ocasião e de acordo com os paradigmas da ciência praticada à época, aqueles aspectos não são passíveis de análise de maneira que não se constituem como objetos numa perspectiva positivista de ciência.

Essas ideias acerca do estatuto da língua – consoante aos paradigmas de Ciência que se praticava no início do século XX – circulavam no ambiente acadêmico francês dos anos 60 e produziam efeitos nos trabalhos de intelectuais – como Michel Pêcheux – que vão retomar o entendimento de língua proposto por Saussure e organizado por seus alunos no Curso de Linguística Geral para resolver questões propriamente filosóficas.

A teoria do discurso construída por Pêcheux e colaboradores ao estabelecer relação com a linguística saussuriana assume posições críticas posto que problematiza aspectos da teoria pensada por Saussure. Isso se dá, observando as devidas proporções, nos três momentos da AD, quais sejam, AAD-69 (Análise Automática do Discurso), AD-2 e AD-3. Nesses três momentos, temos o percurso do pensamento pêcheutiano que sofrerá mudanças ao longo das décadas de 70 e 80. Acerca do primeiro momento ou época, Gregolin (2004, p. 61) afirma que

o que é chamado de “primeira época” por Pêcheux (1983b) – e que Malidier (1990) considera como a *aventura teórica* – inicia-se com o livro *Analyse Automatique du Discours* (1969): trata-se de uma proposta teórico-metodológica impregnada pela releitura que ele faz de Saussure, deslocando o objeto, pensando a *langue* (sua sistematicidade; seu caráter social) como a



base dos processos discursivos, nos quais estão envolvidos o sujeito e a História.

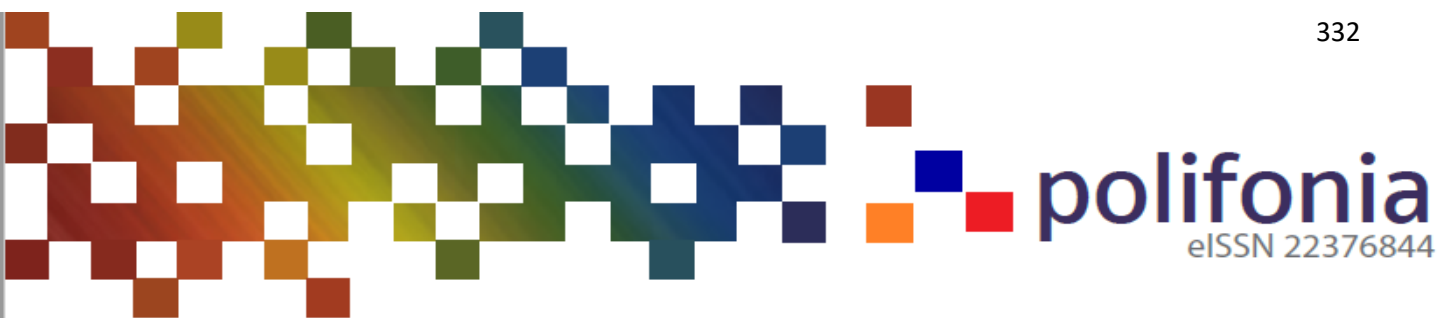
A releitura que Pêcheux opera nesse primeiro momento permite ver o sistema da língua não apenas como um sistema abstrato de formas linguísticas, mas a base onde se materializa o discurso. Esse movimento empreendido por Pêcheux nesse primeiro momento será aprofundado no segundo e terceiro momentos quando relaciona a língua à ideologia, ao sujeito e à nova História, momento que se aproxima de Foucault e traz para sua reflexão o conceito de formação discursiva e o Outro psicanalítico.

Ao dialogar com Saussure e o Curso de Linguística Geral, Pêcheux critica o fato de que o corte epistemológico operado pelo mestre genebrino tenha deixado de fora do quadro conceitual a linguagem e, por conseguinte, as questões relacionadas à semântica. Em artigo publicado na revista *Langages*, Pêcheux, Haroche e Henry (1971, p. 93. Tradução do autor) apontam para uma espécie de preocupação no sentido de não deixar de atentar para essa separação crucial operada pelo pai da Linguística: “antes de tudo, não se pode deixar de ficar impressionado com o cuidado que Saussure tomou para separar teoricamente a linguagem da linguagem.”. A crítica de Pêcheux a Saussure parte desse lugar de fratura entre aspectos do acontecimento linguístico que Pêcheux entende como um processo em que língua, sujeito e ideologia se constituem num único e mesmo movimento.

2.2 Do Materialismo Histórico

Outra área do conhecimento com a qual Pêcheux vai dialogar na construção de uma teoria do discurso é o materialismo histórico como concebido por Karl Marx e relido por Althusser.

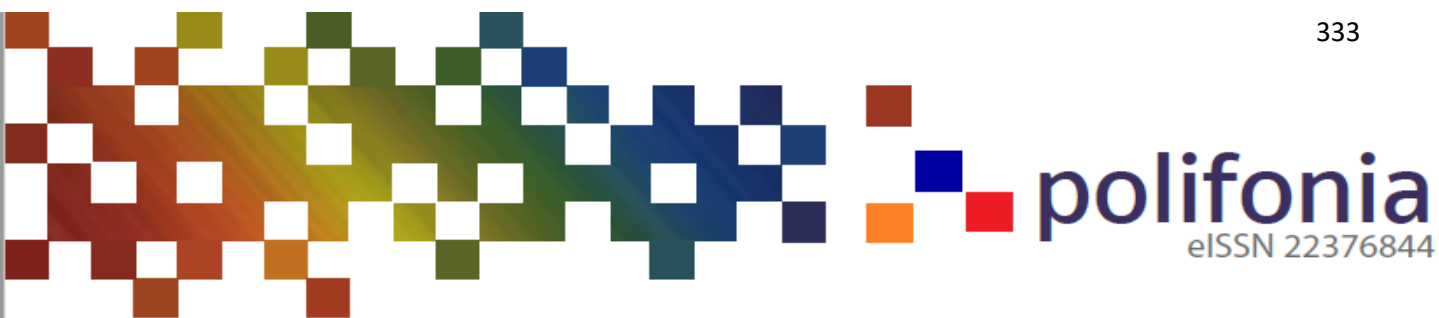
Afastando-se de um período da filosofia alemã cuja tônica havia sido dada às ideias (daí chamar-se Idealismo Alemão) e que teve em Willelm Friedrich Hegel (1770 – 1881) seu maior expoente, o jovem Marx vai se aproximar dos sujeitos históricos em suas relações sociais, econômicas e produtivas, de modo que assim se expressa em A Ideologia Alemã:



A produção da vida, tanto da própria, no trabalho, quanto da alheia, na procriação, aparece desde já como uma relação dupla – de um lado, como relação natural, de outro como relação social -, social no sentido de que por ela se entende a cooperação de vários indivíduos, sejam quais forem as condições, o modo e a finalidade. Segue-se daí que um determinado modo de produção ou uma determinada fase industrial estão sempre ligados a um determinado modo de cooperação ou a uma determinada fase social – modo de cooperação que, ele próprio, uma “força produtiva” -, que a soma das forças produtivas acessíveis ao homem condiciona o estado social e que, portanto, a “história da humanidade” deve ser estudada e elaborada sempre em conexão com a história da indústria e das trocas. [...] Mostra-se, portanto, desde o princípio, uma conexão materialista dos homens entre si, conexão que depende das necessidades e do modo de produção e que é tão antiga quanto os próprios homens – uma conexão que assume sempre novas formas e que apresenta, assim, uma “história”, sem que precise existir qualquer absurdo político ou religioso que também mantenha os homens unidos. (MARX; ENGELS, 2007, p. 34)

Nesse trecho de A Ideologia Alemã, é possível entrever o lugar material de onde Marx e Engels partem para pensar a sua teoria social. Resumindo, poderíamos dizer que para esses dois pensadores não basta a teorização, discutir ideias, pensar metafísicas, mas entender o funcionamento da sociedade, nesse caso, a sociedade capitalista, a partir da reflexão acerca de como, num arranjo capitalista, homens e mulheres entretêm relações, são posicionados e assumem lugares sociais de maneira que a uns cabe a dominação e, a outros, submeter-se ou deixar-se dominar por aqueles que detêm os meios de produção e o capital.

Na sua releitura de Marx, o filósofo francês Louis Althusser vai reconstruir dois conceitos fundamentais do pensamento marxista, a saber: infraestrutura e superestrutura². Para ele, a compreensão de sociedade por Marx passa por dois “níveis” ou “instâncias” que correspondem à superestrutura – compreende o jurídico-político e o ideológico – que, por sua vez, encontra-se determinada por uma base de caráter econômico, ou seja, uma unidade de forças produtivas e relações de produção (Althusser, 2003, p. 60). A partir dessa metáfora espacial que compara a estrutura social a um edifício composto por uma base, o autor tem por finalidade explicar que, na organização social, os andares do edifício não se sustentariam se não estivessem apoiados na base. Disso, temos que os andares da superestrutura são determinados pelo que ele chama de *índice de eficácia* da base. Isso não significa dizer que a superestrutura seja o produto de pura determinação, uma vez que conserva uma

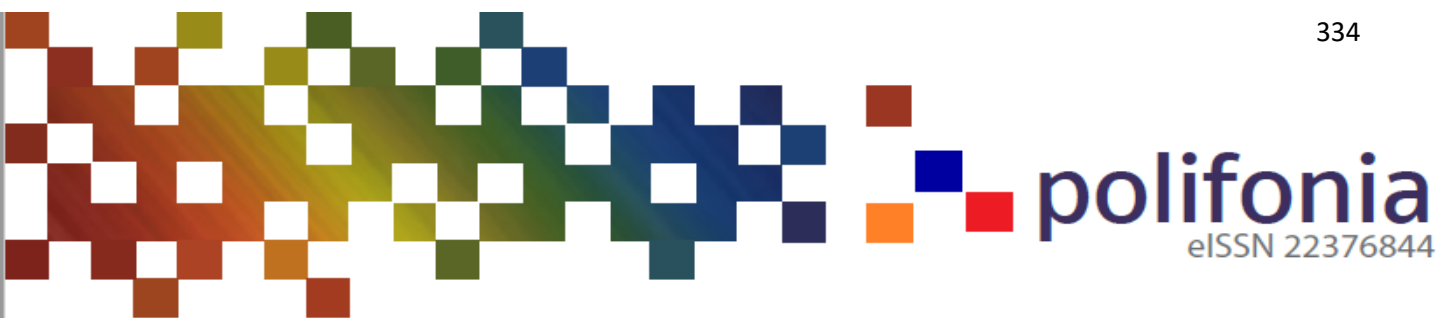


autonomia relativa em relação à base de maneira que podemos pensar numa ação de retorno da superestrutura sobre a base. Althusser entende que aquilo que caracteriza a natureza da superestruturura é a reprodução das condições de produção próprias à infraestrutura.

Seguindo os clássicos do marxismo, Althusser define o Estado como aparelho de Estado e afirma que este compreende a política, os tribunais e as prisões, bem como o exército como força repressiva e, acima de todos, o Governo e a Administração. A fim de entender o Estado em seu funcionamento, Althusser (2003, p. 65) propõe acrescentar o conceito de aparelho de Estado à definição clássica de Estado. É a partir dessa chave conceitual que ele analisa os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) e assim os define: “designamos pelo nome de aparelhos ideológicos do Estado um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas” (Althusser, 2003, p. 68) e o Aparelho Repressivo do Estado formado pelo Governo, o Exército, polícia, os tribunais e a prisões que têm por finalidade controlar a sociedade por meio da violência.

Considerando esse funcionamento da estrutura social – composto por Aparelho Repressivo de Estado e Aparelho Ideológico de Estado – Althusser, então, pensa o conceito de ideologia. Nesse sentido, formula duas teses que são enunciadas nesses termos: “Tese 1: A ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (Althusser 2003, p. 85) e “Tese 2: A ideologia tem uma existência material” (Althusser, 2003, p. 88). Entende-se da primeira tese que os indivíduos entretêm uma relação imaginária com a realidade, permeada por concepções de mundo, ou seja, não corresponde à realidade e, assim, constituem uma ilusão. Da segunda, entendemos que ideias e representações não são algo solto no espaço, ideal, uma abstração. Na concepção de Althusser, a ideologia tem materialidade e ela existe sempre num aparelho e se realiza nas práticas, ou seja, tem uma existência material.

Ancorado nessas concepções que perpassam o pensamento marxista e as reflexões propostas por Althusser a partir de uma releitura de Marx, Pêcheux delinea uma teoria do discurso que inclua, em sua análise, aspectos deixados de fora pela



linguística saussuriana e a Pragmática: a luta de classes e a ideologia de uma determinada formação social, qual seja, a capitalista.

2.3 Do Sujeito

Começaremos com uma asserção de Orlandi (2001, p. 100) que nos parece basilar para a questão do sujeito na perspectiva da AD. A autora afirma que “a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este se submete à língua significando e significando-se pelo simbólico na história.” Em linhas gerais, a autora nos apresenta o conceito de assujeitamento que, na AD, funcionará como uma categoria fundante da teoria do discurso.

A concepção de sujeito dentro da teoria do discurso – como pensada por Pêcheux – parte desse lugar que entende o indivíduo interpelado em sujeito pela ideologia, entendida como condição para a constituição do sujeito. Essa concepção se assenta nas reflexões de Althusser acerca da sujeição dos indivíduos no interior dos aparelhos ideológicos de Estado. Na perspectiva althusseriana, a ideologia só existe dentro de um aparelho em sua prática ou práticas (ALTHUSSER, 2003, p. 89). O desenvolvimento dessa reflexão leva Althusser (2003, p. 93) a enunciar duas teses que são formuladas nesses termos: “só há prática através de e sob uma ideologia” e “só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito”. Num movimento que articula essas duas teses, Althusser (*ibidem*) afirma que “toda ideologia tem por função (é o que a define) ‘constituir’ indivíduos concretos em sujeitos.” Assim, assujeitamento e constituição do sujeito são processos que ocorrem simultaneamente. Sujeito à língua e condenado à interpretação/significação, o homem se inscreve na história e no discurso materialmente constituído pela ideologia. Disso, temos que os sentidos não nascem nem terminam nos sujeitos, como se esses fossem sua origem, mas advêm da relação do indivíduo com a história, a ideologia e a língua.

Posto nesses termos por Althusser, conclui-se que o sujeito não é uma entidade física que coincide com o indivíduo concreto, mas constituído em processos de assujeitamento à ideologia. A esse respeito, Pêcheux (2014, p. 150) afirma:

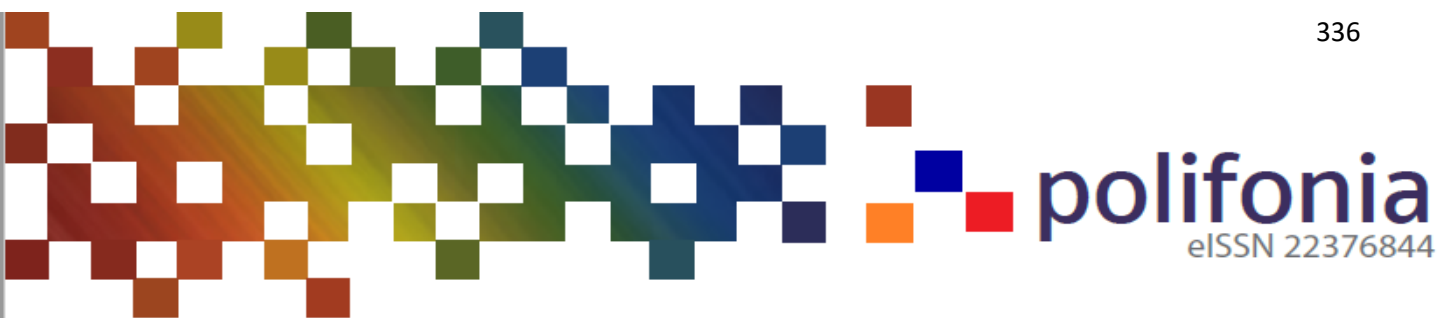
Podemos agora precisar que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso [...] que constituem, no discurso do sujeito, *os traços daquilo que o determina*, são reinscritos no discurso do próprio sujeito. [grifos do autor]

Um outro expediente com o qual a AD trabalha é o da posição-sujeito. De acordo com esse conceito, o sujeito assume, numa dada formação discursiva, uma posição determinada pela formação discursiva que o domina. Desse modo, o sujeito pode assumir diferentes posições porque diferentes são os lugares de onde enuncia. Por isso, na AD, o sentido é um efeito. Por efeito de sentido, entendemos os deslocamentos e deslizos que os sentidos podem sofrer quando há um movimento na posição-sujeito ao se deslocar de uma formação discursiva para outra. É nesse sentido que Orlandi (1999, p. 49) afirma que “devemos lembrar que o sujeito discursivo é pensado como ‘posição’ entre outras. Não é uma forma de subjetividade mas um ‘lugar’ que ocupa para ser sujeito do que diz.” E assim se dá porque o sujeito se inscreve na história para produzir sentido que não resulta de uma relação transparente entre palavra e coisa designada, mas é um efeito entre sujeitos afetados pela ideologia.

2.4 Dos Dispositivos de Análise

A interpretação, na perspectiva da AD, requer a mobilização de dispositivos teóricos que permitem ao analista encaminhar sua análise mediado por esses dispositivos que parametrizam a *leitura* da discursividade, ou seja, autorizam a *leitura* dos embates ideológicos, da dispersão dos sentidos e dos sujeitos e do contraditório que constitui todo discurso.

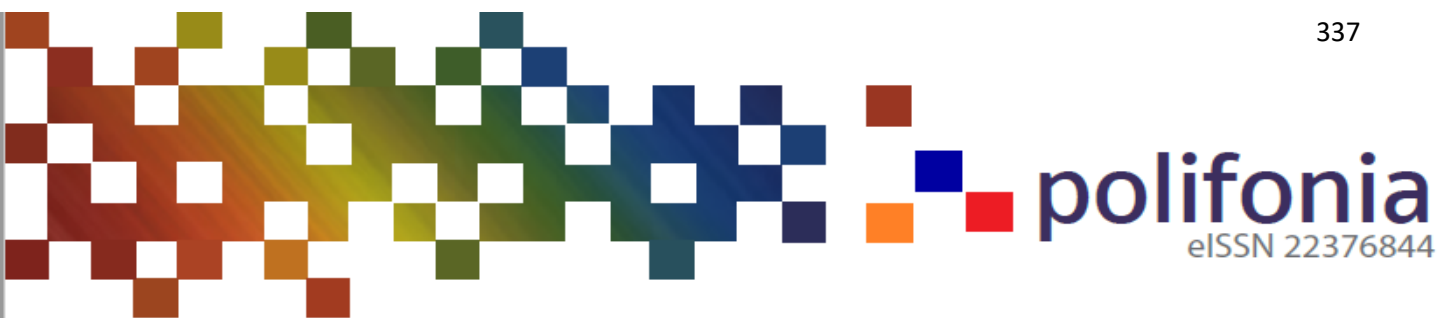
Num primeiro movimento da construção desse dispositivo de análise, elegemos as *condições de produção* e o *interdiscurso*. Por *condições de produção* Orlandi (1999, p. 30) considera que há condições de produção em sentido estrito e amplo. A autora entende as condições de produção em sentido estrito como as circunstâncias da enunciação, ou seja, o lugar de onde o sujeito enuncia e, em sentido amplo, seria o contexto ideológico e sócio-histórico. O *interdiscurso* é efeito da memória discursiva



que atualiza no discurso produzido em determinadas condições de produção, discursos ditos antes e em outros lugares. Nesse sentido, Orlandi (1999, p. 31) afirma que “o interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada”. O conceito de *interdiscurso* encontra-se intrinsecamente relacionado com a teoria dos *esquecimentos n° 1 e n° 2* que é condição *sine qua non* para que o sujeito produza sentidos. Por *esquecimento n° 2*, entendemos o efeito produzido pela ilusão de que aquilo que o sujeito diz só pode ser dito daquela maneira e não de outra. Para o sujeito, funciona como se existisse uma relação direta entre pensamento, língua e mundo, de maneira que, no processo enunciativo, apagam-se as relações parafrásticas do discurso e fica a ilusão de que o enunciado produzido só pode ser dito com aquelas palavras e não outras em seu lugar. Sobre o *esquecimento n° 2*, Orlandi (1999, p. 35) diz que “por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos preexistentes”. Esse é um efeito elementar da ideologia que produz no sujeito a impressão de evidência, de completude, do inequívoco e do controle dos sentidos. Contraditoriamente, esse é um efeito necessário para que sujeitos situados historicamente e afetados pela ideologia produzam sentidos.

No processo discursivo, temos outros dois movimentos que se encontram interrelacionados com os *esquecimentos* dos quais falamos: a paráfrase e a polissemia. Ao pensar discursivamente a linguagem, Orlandi (1999, p. 36) afirma que “os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória”. Assim, na perspectiva discursiva, a paráfrase tem a ver com o mesmo e o repetível, ao passo que a polissemia se relaciona com a ruptura e o deslocamento dos dizeres e dos sentidos.

Os sentidos também são os lugares que os sujeitos ocupam durante a interlocução. Assim, os sentidos se constituem na perspectiva do outro e do lugar de onde o sujeito enuncia. Ao enunciar, os sujeitos o fazem pensando nos efeitos que produzirão sobre o outros, nas possíveis reações de apreciação, rejeição ou adesão, conciliação ou tensões e conflitos etc. A imagem que o outro representa, bem como aquela que eu, sujeito do discurso, represento para meu interlocutor também constitui o



funcionamento de um discurso. E mais: a imagem que eu penso representar para meu interlocutor e a imagem que meu interlocutor pensa representar para mim também entra no jogo da interpretação. Indo ao encontro do que foi dito, Orlandi (1999, p. 40) afirma que, no processo discursivo, são as imagens que constituem as diferentes posições, de maneira que no discurso não é o operário em sua condição empírica que é visto, mas a posição discursiva de operário produzida pelas *formações imaginárias*. E isso é constitutivo dos discursos.

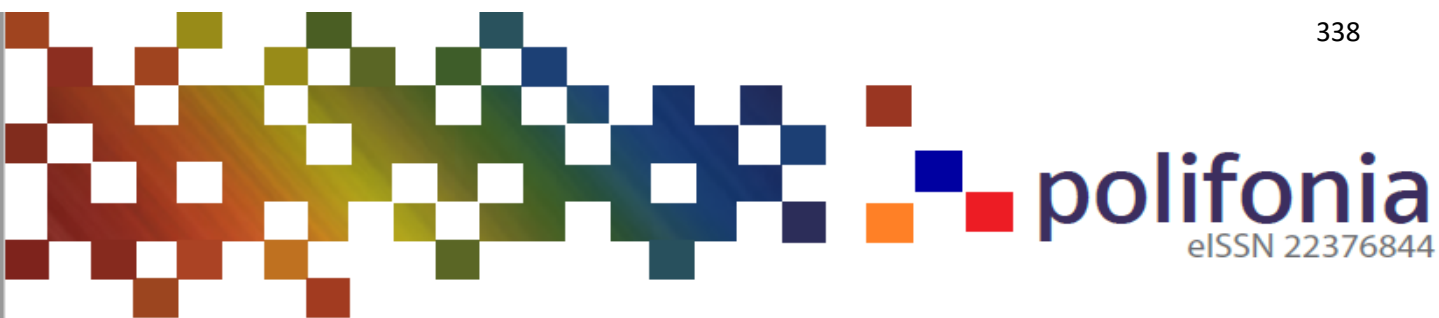
Por fim, discorramos um pouco sobre a *formação discursiva* (doravante, FD), noção cara à AD. Entende-se por FD aquilo que pode e deve ser dito numa determinada formação ideológica e sócio-histórica. Esse é um conceito polêmico e que vem sofrendo reformulações constantemente no campo da AD, mas ainda se mostra bastante produtivo uma vez que permite ao analista estabelecer regularidades no funcionamento discursivo, bem como permite que compreenda a relação dos sentidos com a ideologia.

3. Metodologia

No campo da Análise do Discurso, os procedimentos metodológicos e os dispositivos de análise mantêm uma intrínseca relação com o objeto e a teoria, de maneira que as pesquisas feitas no campo assumem um viés qualitativo-interpretativista.

Na AD, a análise não se dá numa perspectiva horizontal, ou seja, em extensão. Prioriza-se a profundidade da análise em que aspectos como a posição-sujeito, as regularidades enunciativas, imagens de si e do outro (formação imaginária), relações entre discursos e posicionamentos ideológicos inscritos na materialidade discursiva constituem os elementos a serem descritos e interpretados.

No que concerne à organização do *corpus*, há duas noções utilizadas com frequência que são o recorte (ORLANDI, 1999) e o enunciado (FOUCAULT, 1995). O primeiro diz respeito às unidades discursivas que são feitas de fragmentos correlacionados de linguagem e situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva e a análise recai sobre a seleção dessas unidades retiradas do *corpus*. Efetuado o recorte, cada unidade pode ser analisada como um enunciado conforme



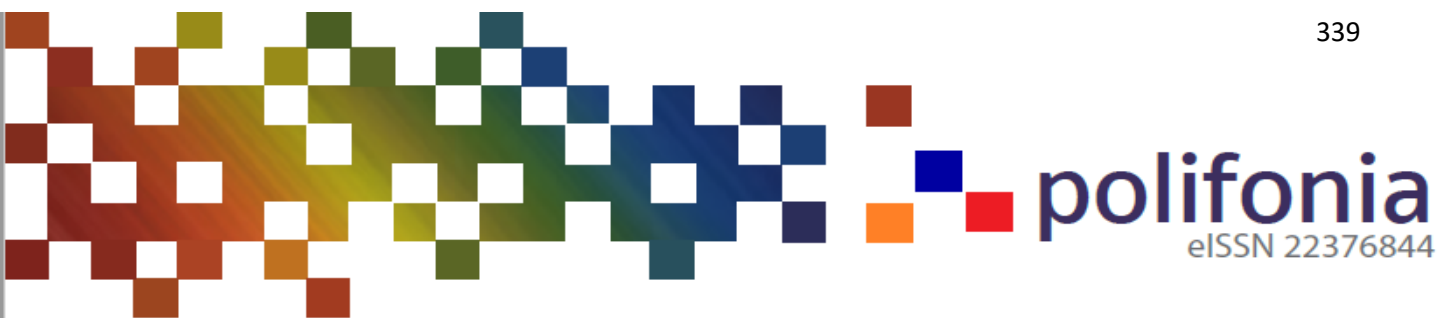
Foucault (1995, p. 124) o concebe, ou seja, “um elemento suscetível de ser isolado e capaz de entrar em jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele.” Ainda de acordo com a perspectiva foucaultiana, a natureza do enunciado não se reduz à natureza da frase, proposição ou ato de fala, mas não os exclui; antes, os implica e faz deles sua própria condição de existência. Mas a presença, articulação e realização dos signos não são suficientes para fazer de uma frase, proposição ou ato de fala um enunciado, pois o que faz com que essas entidades ganhem estatuto de enunciado é sua função enunciativa que não é da ordem da língua, mas da relação que entretém com a história, os sujeitos e os lugares onde os enunciados são produzidos.

Partindo dessas considerações, temos como objeto de pesquisa o discurso produzido em um cartaz da propaganda do regime nazista posto em circulação no ano 1934. A construção e análise do *corpus* da presente investigação reivindicou uma metodologia qualitativa de cunho dedutivo e diacrônico dado o caráter do objeto. Em se tratando das categorias de análise, faremos uso de conceitos teóricos como Condições de Produção e Interdiscurso (ORLANDI, 1999; PÊCHEUX, 2014), Formações Imaginárias e Formação Discursiva (PÊCHEUX, 2014), Paráfrase e Polissemia (ORLANDI, 1999). Ao mobilizarmos essas categorias, acreditamos ter construído um dispositivo de análise e interpretação que possibilitará *escutar* outros sentidos naquilo que está posto no texto.

As categorias de análise não serão mobilizadas isoladamente, mas inter-relacionadas posto que o discurso é perpassado por um fio de relações que exige uma análise que dê conta do todo da produção de sentido. Desse modo, linguagem verbal (artigo) e linguagem não-verbal (imagens) não constituem unidades estanques, mas relacionáveis e copartícipes de um processo que engloba todo o arranjo textual-discursivo a ser analisado.

4. Análise

Em 1933, o Partido Nazista chega ao poder por meio da nomeação de Adolf Hitler como chanceler do governo alemão pelo presidente von Hindenburg.



Em seguida, o recém-criado Ministério da Propaganda passou a ser dirigido por Joseph Goebbels em 1933 por indicação de Hitler. Goebbels investiu todo o seu gênio e habilidade na organização do Ministério que, ao final de 1939 incluía departamentos para propaganda, imprensa doméstica, imprensa estrangeira, imprensa periódica, rádio, filme, literatura, teatro, belas-artes, música e cultura popular. Esses elementos dão uma ideia da extensão do Ministério que se utilizava de todos os veículos tecnológicos e artísticos disponíveis para difundir a ideologia nazista.

O ministro todos os dias realizava uma coletiva de imprensa em que repassava diretrizes aos órgãos de propaganda no governo e no partido (HERF, 2014, p. 63). A objetividade e a simplicidade eram uma receita infalível para Goebbels que era o *gauleiter* de Berlim, ministro do RMVP (*Reichsministerium für Volksaufklärung und Propaganda*) e o chefe da Diretoria de Propaganda do Reich (*Reichspropagandaleitung* ou RPL) do Partido Nazista. Segundo Herf (2014, p. 63),

a *Reichspropagandaleitung* incluía divisões de imprensa, treinamento para discursos, reuniões de massa, cultura, filmes e rádio e o Escritório de Propaganda Ativa, que coordenava os discursivistas, supervisionava a escrita de panfletos, e produzia pôsteres. Muitos desses escritórios possuíam abrangência regional (*Gau*), por cidades (*Kreis*) e em alguns casos local (*Ort*). Se havia necessidade de distribuir pôsteres, organizar encontros, chamar a atenção “das massas” para os discursos de Hitler ou Goebbels, essa arma organizacional do partido e do governo estava pronta para executar a tarefa.

Essa máquina detinha controle total sobre os veículos de comunicação, ou seja, as mídias que circulavam na Alemanha desde os primeiros anos do Terceiro Reich. O pôster ou mídia OOH (*Out of Home*), como é chamado no campo da Comunicação, foi bastante utilizado para difundir eventos, ideias, recrutar para o exército e a guerra, induzir, controlar e aliciar a juventude. Os pôsteres eram dispostos em lugares públicos, como estações de trem, passeios, murais etc., de maneira que todos os alemães pudessem visualizá-los.

Neste pôster, publicado em 1934, temos a divulgação de um evento voltado para aqueles que se encontravam em vulnerabilidade social. Hitler era contra o Estado de bem-estar social, de maneira que toda ação voltada para a caridade e assistência social estava proibida. Mas, diante do número expressivo de desempregados, o *Führer*

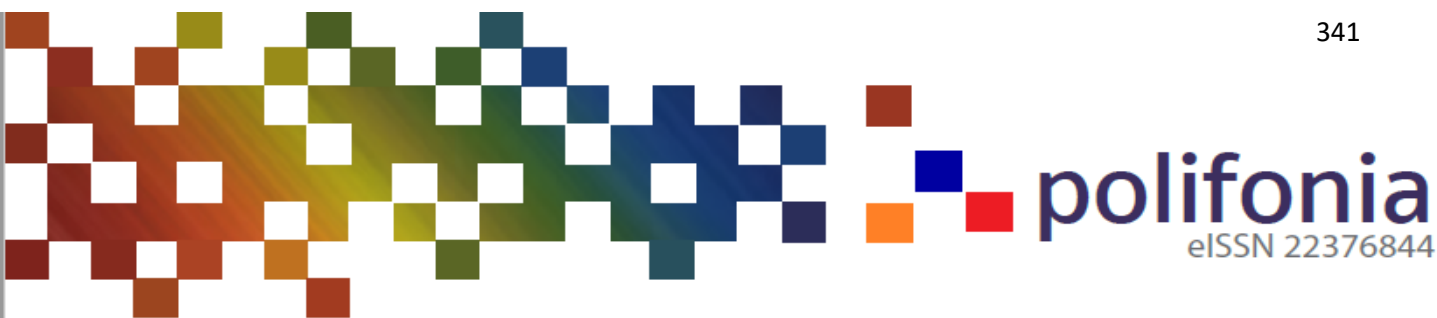
apoiou a criação da organização de caridade (*Winterhilfswerk e Nationalsozialistische*) cuja finalidade era apoiar os mais pobres desde que comprovassem seu pertencimento à raça ariana. Além de ser racialmente puro, o indivíduo deveria ser politicamente confiável, estar disposto a trabalhar e apto a se reproduzir. Essas organizações funcionavam de maneira similar às instituições privadas, mas o dinheiro para mantê-las vinha do cidadão que era convencido a ajudar o seu (racialmente) semelhante e, assim, fortalecer a Comunidade do Povo (*Volksgemeinschaft*).

Pôster 1



Fonte: German Propaganda Archive

Na parte superior (esquerda) do pôster, encontramos a sigla da organização (NSV) e na parte inferior o enunciado *Unterstützt das Hilfswerk – Mutter und Kind* que significa *Apoie o programa de assistência para mãe e filho*. No primeiro plano do cartaz, temos uma mulher loira de cabelos presos, jovem, visivelmente saudável e disposta que amamenta seu filho também loiro, nascido há poucos dias ou meses e aparentemente saudável. No segundo plano, formando o pano de fundo do cartaz, temos do lado direito um pequeno povoado com características arquitetônicas tipicamente



alemãs e, do lado esquerdo, um agricultor que ara a terra. O sol irradia seus raios amarelos contrastando com o verde da natureza.

Esse cartaz põe diante dos olhos do povo alemão a figura feminina em destaque, mas essa figura não se identifica com a mulher trabalhadora, nem com a mulher militante, mas com a mulher mãe, protetora e que assegura a sobrevivência do seu filho por meio da amamentação. No interior de uma FD chamada Ministério da Propaganda do Terceiro Reich, desenha-se discursivamente a figura da mulher em seu estado de indigência, mas também de mãe que encarna aqueles estereótipos que, em outras FDs, como a igreja e a família, definem uma mãe.

Isso nos leva a pensar que a FD na qual o sujeito do discurso se inscreve, ou seja, aquela do Ministério da Propaganda, mobiliza outras FDs que entram em jogo no processo de constituição de sentidos sobre a imagem da mulher-mãe ariana, de maneira que outros discursos vêm dar sustentação ao discurso em análise. Assim, é no interior do interdiscurso que os sentidos se cruzam e se imbricam a fim de produzir o efeito de verdade ao reforçar imagens e estereótipos socialmente valorizados. Trazemos, então, uma imagem da Virgem Maria, mãe de Jesus, com a qual esse discurso se relaciona pondo em evidência um efeito de pré-construído, ou seja, para que um discurso signifique é necessário que já tenha significado antes, em outro lugar, de maneira que quando enunciamos o fazemos com as palavras de outros e mobilizamos saberes e dizeres que já foram ditos. Esses elementos já nos oferecem meios para pensar o sujeito do discurso que emerge e enuncia nesse cartaz de propaganda nazista, visto que, como nos diz Pêcheux (2014, p. 150):

Já observamos que o sujeito se constitui pelo “esquecimento” daquilo que o determina. Podemos agora precisar que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (sob sua dupla forma, descrita mais acima, enquanto “pré-construído” e “processo de sustentação”) que constituem, no discurso do sujeito, *os traços daquilo que o determina*, são reinscritos no discurso do próprio sujeito. (grifos do autor)

Inscrito na FD₁ do Ministério da Propaganda, mas mobilizando dizeres e sentidos de outras FDs, como a religiosa (ver imagem 1) e da instituição familiar (ver

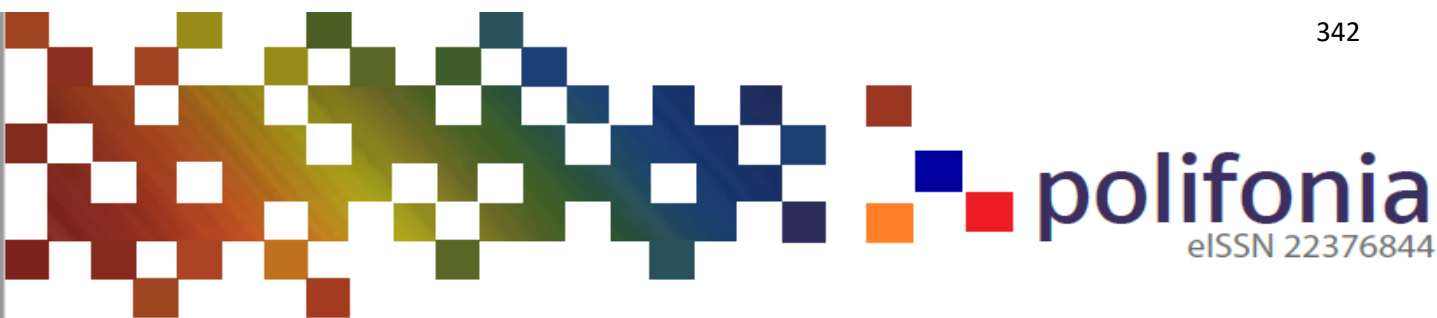


imagem 2) que entram em consenso com o discurso da FD dominante, o sujeito do discurso do *Pôster 1* se apresenta como um sujeito que lança um convite por meio de um verbo no imperativo *Unterstützt* (apoie), mas sem soar autoritário, posto que se trata de um chamado à prática da caridade e solidariedade entre os alemães. É um sujeito que, sensível e solidário à condição de desemprego e pobreza do povo alemão, conclama a apoiar uma organização cuja finalidade é fornecer alimento e materiais que assegurem a sobrevivência daqueles que se encontram numa situação de miséria, mas, nem por isso, impedidos de assumir um posto de trabalho e voltar a contribuir com a Comunidade do Povo (*Volksgemeinschaft*) e o regime sob a forma de trabalho e consumo. Embora os alemães fossem obrigados a contribuir com as organizações de caridade sob pena de sofrerem retaliações severas caso se negassem, o sujeito que enuncia *Unterstützt* não impõe, não é autoritário, nem ameaçador. É um sujeito que enuncia desse lugar que é o ministério, cujo objetivo é persuadir o interlocutor e levá-lo a crer naquilo que os nazistas apresentavam como sendo uma verdade incontestável. É importante ressaltar que ao ouvirem a voz do sujeito que fala nos cartazes, alemães acreditavam estar ouvindo não apenas a voz do regime, mas a voz do próprio *Führer*. Desse modo, há uma identificação do sujeito do discurso do *Pôster 1* com a forma-sujeito que o determina, conforme as palavras de Pêcheux (2014, p. 154)

Observaremos, por outro lado, que o interdiscurso *enquanto discurso-transverso* atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo *interdiscurso enquanto pré-construído*, que fornece, por assim dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como “sujeito falante”, com a formação discursiva que o assujeita. Nesse sentido, pode-se bem dizer que o intradiscurso, enquanto “fio do discurso” do sujeito é, a rigor, um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma “interioridade” inteiramente determinada como tal “do exterior”. E o caráter da forma-sujeito, com o idealismo espontâneo que ela encerra, consistirá precisamente em reverter a determinação: diremos que a forma-sujeito (pela qual o “sujeito do discurso” se identifica com a formação discursiva que o constitui) tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso, isto é, ela simula o interdiscurso no intradiscurso, no qual ele se articula por “correferência”. Parece-nos, nessas condições, que se pode caracterizar a forma-sujeito como realizando a incorporação-dissimulação dos elementos do interdiscurso: a unidade (imaginária) do sujeito, sua identidade presente-passada-futura encontra aqui *um de seus fundamentos*.

Imagem 1



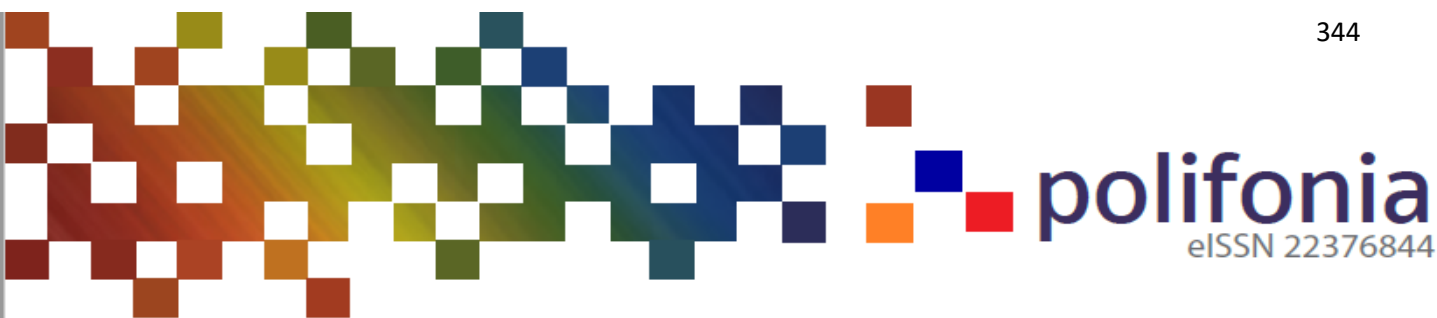
A Garota da Flor de Sir James Shanon

Imagem 2



Maria amamentando Jesus de Lorenzo di Credi

Ao produzir o enunciado *Unterstützt das hilfswerk – Mutter und Kind* (*Apoie o programa de assistência de mãe e filho*) o sujeito discursivo se inscreve em redes de filiação de sentidos e, num gesto de interpretação, põe em funcionamento a discursividade que atualiza sentidos historicamente produzidos em outros lugares institucionais e obedecendo a outras condições de produção. Uma vez que a finalidade da propaganda é convencer o leitor ao enredá-lo na rede argumentativa e, assim, levá-lo a fazer aquilo que imperativamente se impõe por meio do enunciado, o cartaz joga com as imagens de mãe e filho pondo-as em relação com aquelas imagens que já circulam socialmente, bem como com os discursos que foram produzidos sobre ambos e que os significam como aquela que dá a vida, no caso da mãe, e o futuro da sociedade, no caso do filho. Isso é um efeito da historicidade da língua e do discurso, remete e tem a ver com uma memória, ou seja, aquilo que vem pela história e pelas filiações de sentido e afeta o sujeito ao produzir o discurso em determinadas condições de produção. Assim, o



Ministério faz crer que é imprescindível ajudá-los, porque, assistindo-os, o povo alemão garante o fortalecimento do país, do regime e da raça ariana.

Esse trabalho da memória no sujeito é algo sobre o qual ele não tem controle, chega sem pedir licença e afeta o dizer, de maneira que aquilo que o sujeito diz poderia ter sido dito de outra maneira. Então, nossa questão é: *Por que o sujeito diz desse modo e não de outro?* Certamente porque mobilizar a imagem da mulher, protetora e fonte da vida, e do filho, futuro da nação e rebento que garante a continuação da raça, bem como demandar o apoio do povo produz efeitos de sentido que outras palavras e imagens não produziriam. Mas o sujeito não opera essas escolhas porque é o senhor e a gênese do sentido, mas pelo esquecimento, por se inscrever numa determinada FD que entra em contradição ou consenso com outras formações discursivas e pela memória discursiva, “um já-dito que sustenta a possibilidade mesma do dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia” (Orlandi, 1999, p. 32).

A mulher com o seu filho e o sol brilhante, ardente e ocupando quase todo o espaço do cartaz posicionado atrás de si parece querer falar de uma nova era, um novo povo, um novo tempo. Essa mulher que se encontra no centro e em proporções maiores que os outros elementos do cartaz aponta para a importância e protagonismo desse ser social para a construção de uma nova Alemanha representada no vilarejo que se encontra do lado direito e do projeto de empregabilidade traçado pelo regime e representado pelo homem que trabalha do lado esquerdo. Mas é possível notar também que essa mulher indigente e seu filho não trazem no corpo as marcas da miséria, da mendicância e do abandono. Ao contrário, essa mulher e seu filho que precisam da ajuda dos alemães aparentam gozar de boa saúde, disposição para o trabalho, de maneira que correspondem àqueles requisitos estabelecidos pela política racial da Alemanha nazista.

5. Considerações finais

A propaganda nazista produzida durante o Terceiro Reich pelo Ministério da Propaganda e o Escritório de Propaganda do Partido Nazista foi de fundamental importância para a circulação da ideologia nazista e construção da opinião pública. Ela visa à construção de um projeto de sociedade onde aqueles que são inaptos (físico e mental) ou pertencentes às raças ditas inferiores têm um único destino: a eliminação. Assim, a propaganda fomenta e investe numa imagem ideal do povo alemão que seria alcançada à medida que fossem eliminados aqueles que não correspondessem aos padrões definidores da raça ariana pura.

A análise do funcionamento discursivo de um pôster de divulgação das obras de caridade do Terceiro Reich apontou para um modo de funcionamento que põe em movimento sentidos sobre a mulher e mãe que amamenta seu bebê e, assim, garante o futuro da raça e a expansão do *Reich*, ao passo que silencia outros sentidos que são os critérios aos quais essa mãe e seu filho devem atender para ser alvo daquela assistência, como a pureza racial e a capacidade para se reproduzir. O discurso também simula uma relação amigável entre o Estado e o povo alemão que é chamado a apoiar as obras de caridade e assistência ao passo que silencia sentidos sobre a obrigação a qual o povo alemão estava submetido pelo regime sob pena de punição severa se não atendesse àquilo que o escritório da propaganda apresenta como um convite. Foi possível concluir também que o pôster tem por finalidade difundir e reforçar um modelo de mulher e criança racialmente puras, bem como a superioridade racial.

Referências

- ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos do Estado*. 9ª ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.
- COURTINE, Jean-Jacques. *O discurso inatingível: Marxismo e Linguística*. Tradução de Heloísa M. Rosário. In: Cadernos de tradução – n. 6/jun. 1999. Porto Alegre: 1999.
- FERREIRA, M. C. L. *Nas trilhas do discurso: a propósito de leitura, sentido e interpretação*. In: *A leitura e os leitores*. ORLANDI, Eni Puccineli (Org.). São Paulo: Pontes, 1998.

- FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 1995.
- GREGOLIN, M. R. *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: Clara Luz Editora, 2004.
- HERF, J. *Inimigo Judeu: propaganda nazista durante a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto*. São Paulo: Edipro, 2014.
- MARX, K.; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- ORLANDI. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 1999.
- _____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. São Paulo: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX; M. HAROCHE; C. HENRY, P. *La sémantique et la coupure saussurienne : langue, langage, discours*. In: *Langages*, Volume 6, Numéro 24, 1971.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: ed. da Unicamp, 2014.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- SHIRER, W. *Ascensão e Queda do Terceiro Reich: Triunfo e Consolidação*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.